

Os certificados

Os prémios Nobel, sobretudo os da Paz e da Literatura, tornaram-se numa espécie de certificado de bom comportamento moral e civil



HELENA MATOS

Francamente não percebo qual é a surpresa perante o passado nazi de Günter Grass. Como todos os jovens que vivem em Estados totalitários, o adolescente Günter Grass integrou as organizações do regime. Interrogarmo-nos se Günter Grass podia ou não ter agido doutro modo é matéria para gente adulta e sobretudo para gente que vive em liberdade.

Convém também não esquecer que os ditadores, sobretudo aqueles que estruturam as respectivas ditaduras num esqueleto ideológico que mistura nacionalismo e populismo, sabem capitalizar apoios mais ou menos expressivos entre os povos que oprimem.

É certo que o passar do tempo e o confronto entre a propagação e a realidade corrompem estes apoios. É certo também que a chegada da democracia permite, *a posteriori*, uma reflexão sobre a indignidade implícita a qualquer ditadura. Mas isso é *a posteriori* ou já na fase da agonia das ditaduras, embora o caso cubano prove que um ditador pode gozar de apoios ainda significativos mesmo numa fase de absoluta derrocada. Aliás, as ditaduras tendem a transformar-se em regimes orgânicos no sentido biológico do termo: a agonia do ditador e da ditadura são uma só. E até ao fim o bater do coração, o funcionamento dos intestinos, o resultado dos electroencefalogramas misturam-se numa grotesca amálgama com o funcionamento e sobrevivência das instituições.

Acredito ou quero acreditar que, após se viver em democracia, dificilmente algum povo aceitará viver de novo assim. E digamos que é apenas esta crença, se se preferir o desejo de que as maiorias silenciosas que sustentam as ditaduras percebam a superioridade das democracias, que me faz aceitar com relativa bonomia as imagens daquelas multidões dando vivas a Fidel, Evo Morales ou Mahmud Ahmadinejad.

Mas este meu optimismo perante a espécie humana é mitigado pela constatação de que muitos daqueles que, como Günter Grass, apoiaram uma ditadura não só voltariam a fazê-lo, caso as circunstâncias se proporcionassem, como, em alguns casos, o continuaram a fazer. Claro que não foi fazendo novamente saudações a um clone de Hitler, mas foi invariavelmente tomando posições contra a democracia. O anterior fascínio pelas ditaduras nazi, fascista e comunista foi reciclado num imenso desprezo pelo mundo ocidental. Em grande parte é essa a clivagem que actualmente é estabelecida quando se debate Israel. Quando se lê o *Avante!* ou escutam os argumentos do Bloco de Esquerda sobre o Hezbollah, percebe-se como o discurso de vencidos mas não convencidos pela democracia vem ao de cima.

Significativamente muitas destas pessoas que, no passado, apoiaram ditaduras e no presente mantêm um manifesto desprezo pela democracia constituíram-se como a consciência moral dessas mesmas democracias, acusando de fascista, imperialista, capitalista... tudo e todos os que não pensassem como eles. Portugal levou o século XX com boa parte da sua população com medo de ser considerada monárquica, comunista ou fascista. Basta abrir as páginas dos jornais portugueses do final de 1974 e meados de 1975 para encontrar não só declarações de vários cidadãos negando pertencer à PIDE, como também declarações assinadas pela Junta de Salvação Nacional garantido que fulano e sicrano não constavam “dos ficheiros de agentes da extinta Direcção-Geral de Segurança”. Do burlesco de tudo isto é sem dúvida sintomática

a procura dum certificado de antifascismo por parte dum destes acusados de pertencer à PIDE. Num texto sobre o fim da policia política, que publicou na revista *Atlântico* em Setembro de 2005, António Araújo dava conta do processo rocambolesco que levou à passagem dum certificado de antifascismo, em 1975. Mais precisamente um homem acusado de colaborar com a PIDE achou que ninguém seria melhor do que um dos agentes da PIDE que o perseguira antes do 25 de Abril para lhe passar o que ele designava como certificado de antifascismo que provasse de vez a sua inocência. A verdade é que tanto tentou que conseguiu: um agente da PIDE lavrou e assinou o referido certificado de antifascismo. O caso seria anedótico, se não fosse revelador da forma de pensar dos sistemas ditatoriais em tanto o PIDE, como o antifascista devidamente certificado raciocinavam: um certificado por mais disparatado que seja garante que não se faz parte do mundo dos pestíferos. Geralmente o que muda é a designação dos pestíferos. Praticamente imutável é a disponibilidade para os eliminar. E também para passar certificados.

Na polémica que recentemente manteve nas páginas do PÚBLICO com Vasco Pulido Valente, o dirigente do PCP Vítor Dias que escreveu “há centenas e centenas de coisas e de pessoas a quem o PCP nunca chamou fascista”. Se o PCP tivesse governado Portugal mais do que uns escassos meses, sou levada a acreditar que as centenas de não fascistas inventariados por Vítor Dias rapidamente teriam passado a dezenas e quiçá à meia dúzia. E Vítor Dias, presumindo que ele mesmo não tivesse sido entretanto considerado fascista, continuaria a escrever e a denunciar os milhões de fascistas existentes em Portugal. E, entre estes, alguns procurariam escapar ao cerco obtendo um qualquer miraculoso certificado de antifascismo.

Ao ler-se, em 2006, Vítor Dias ou ao assistir à polémica em torno do passado de Günter Grass, no fundo ao perceber que em algumas mentes apenas se mudou o necessário para que tudo ficasse na mesma, não consigo deixar de recordar algumas páginas da biografia da filha de Estaline, Svetlana Estaline. Mais precisamente as páginas em que a autora, Martha Schad, narra o destino de vários membros do Politburo. Entre eles há um caso que impressiona não tanto pelos factos, mas pela forma como os visados reagiram às perseguições de que foram vítimas. Refiro-me concretamente a Molotov e à sua mulher, Paulina Semionovna. Após a morte da mulher de Estaline e mãe de Svetlana, Paulina desempenhou um papel importante na vida dos filhos de Estaline. No início de 1949, Paulina foi presa e acusada de estar envolvida numa conspiração com vista à criação duma república judaica na Crimeia. Sujeita a vários interrogatórios, Paulina Semionovna só seria libertada após a morte de Estaline, em 1953.

Da mulher que regressou da prisão, Svetlana Estaline recorda frases como esta: “O teu pai era um génio! Ele erradicou a ‘quinta coluna’ tão bem que quando a guerra rebentou, o partido e o povo estavam unidos.” Svetlana também não esqueceu os momentos em que, cortando finas rodela de cebola, Paulina dizia: “Estaline gostava delas assim”.

Até ao fim da vida Molotov, marido de Paulina, bebeu em memória de Estaline e de Paulina, a quem considerava uma verdadeira “soviética” por nunca ter dito mal de Estaline.

Não sei por quem bebe Günter Grass. Também não me interessa. Dele interessam os livros. Günter Grass ganhou o Prémio Nobel da Literatura. Para a atribuição desse prémio o que devia ter estado em causa era se os seus livros o mereciam e não o que ele diz e escreve sobre política nacional ou internacional.

Infelizmente os prémios Nobel, sobretudo os da Paz e da Literatura, tornaram-se numa espécie de certificado de bom comportamento moral e civil. Quase uma caricatura. Tal como o nosso certificado de antifascismo. ■ JORNALISTA